



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

TANIA HELOISA DE ARAUJO ARIGONY

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Tania Heloisa de Araujo Arigony

Nascimento: 12.04.1945

Local da entrevista: CEME

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 27.11.2014

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1hora34min39seg

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação e entorno social; Formação profissional; Envolvimento com a dança; Escola de Tony Seitz Petzhold; Aulas com o Professor Rolla; Locais onde a escola funcionou; Aluna mestra; Formação e estilo de trabalho do Professor Rolla; Espetáculos da Escola de Dança João Luiz Rolla; Figurinos; Alunas em carreira artística; Período após a formatura; Relação entre Dona Tony e João Luiz Rolla; Relato final; Agradecimento.

Porto Alegre, 27 de novembro de 2014. Entrevista com Tania Heloisa de Araujo Arigony a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

T.A. – Tania Heloisa de Araujo Arigony.

M.C. – Qual tua naturalidade?

T.A. – Nasci em São Paulo, capital, em abril de 1945. Viemos para o Rio Grande do Sul em dezembro e cá ficamos, às vezes mudamos, mas sempre retornamos. Desde 1950 vivo em Porto Alegre. Sou gauchíssima!

M.C. – Qual tua formação profissional?

T.A. – Eu sou bióloga.

M.C. – Eu gostaria que tu me contasses como a dança entrou na tua vida.

T.A. – A dança chegou através do piano e da sensibilidade de um rapazinho que ficou com pena de uma criança de quatro anos e meio, desesperada num palco enorme, de frente para uma plateia escura. Minha mãe, que foi até o 8º. ano de piano e não pode concluir, sonhou ter uma filha que fizesse o que ela não pode fazer por motivos financeiros. Lá fui eu para aulas de piano. Logo a professora chamou minha mãe e salientou que eu tinha ritmo, memória musical e gostava da música, mas não servia para ficar sentada uma hora tentando melhorar alguns poucos compassos. Sugeriu que ela me colocasse em algo que tivesse tudo isto e movimento também. Assim, fui parar na escola de Tony Seitz Pethzold. Ela era uma excelente mestra com maravilhosas bailarinas para treinar e zero didática e paciência para tratar com crianças pequenas. Certo dia chegou o momento dos ensaios no palco para o espetáculo anual. Eu fiquei apavorada com o tamanho do palco e a escuridão da plateia e comecei a chorar aos gritos. Ela ficou muito braba e começou a me sacudir pelos ombros. Quanto mais ela sacudia mais eu chorava. Num canto, esperando o final do ensaio das meninas pequenas, tinha um rapazinho que, sorrindo me pegou pela mão e começou a dançar junto comigo. Fui parando de chorar e fiz tudo direitinho. O espetáculo aconteceu

maravilhosamente bem. No ano seguinte minha mãe ficou sabendo que o dito rapazinho estava começando uma escola de dança. Imediatamente lá fui eu. Fiquei lá 18 anos...alguns dos anos mais felizes que vivi, com aquele rapazinho como professor, o prof. João Luiz Rolla, até chegar a ser aluna mestra em 1959. A primeira coisa que o Rolla me ensinou foi uma tarantela. Ele batia palmas e tocava a tarantela mais conhecida que existe para todos os italianos e a coisa mais comum que tem, facilíma de dançar.

M.C. – Me fala sobre João Luis Rolla como professor.

T.A. - Ele era o máximo, ele era o máximo dos máximos. [choro] Sou uma pessoa bem-aventurada. Tive pais sem igual e ele era o terceiro nessa linha. Ele e um professor de matemática do tempo do ginásio. Mas ele era o máximo! Nestes 18 anos ele foi professor, amigo, aquela pessoa que te ensinava todas as coisas que o dinheiro não paga e que não têm preço. Ele sabia ver onde é que estava aquele talento único e que não era eu. Porque eu tenho plena consciência que eu gostava da dança e dançava com prazer, mas não tinha a qualidade de uma prima “balerina”. O Rolla ensinou coisas fantásticas além da dança! Hierarquia, respeito, educação, saber esperar a sua vez, reconhecer que o outro pode ser e, muitas vezes é, muito melhor do que tu e nem por isso deixar com que se pensasse que não se servia para nada. Não! Apenas o outro é melhor do que tu. Também saber esperar a tua vez e não ser obrigado a ser a melhor, mas ser obrigado a fazer melhor. Conseguir era outra história... para isso tinha que tentar tantas vezes quantas fossem necessárias. Espírito de grupo e união sentimentos cultivados até hoje: sessenta e quatro anos depois nos reunimos para festejar aqueles bons tempos! Ele era um ser humano completo! Como professor de dança tinha muita didática pois, mesmo a coisa difícil, ele tornava um desafio positivo. E nós tínhamos que fazer porque ele estava pedindo. Existe uma história folclórica de que ele tinha uma varinha de madeira para bater nas alunas. Eu fiquei lá dezoito anos e ele nunca me bateu com varinha nenhuma. Ele usava uma varinha para marcar o compasso, batendo na barra de metal fixa na parede. Ele tinha horror de bailarinas fora do compasso ou desorientadas. Um corpo de baile tinha que ter movimentos únicos. Nunca podia existir braços, pernas ou cabeças em diferentes etapas do movimento. Muitas vezes ele remontava um espetáculo, com algumas nuances novas. Então nos fazia repetir até ficar certo, e

principalmente não ficar fora do compasso. E ele ensaiava todas nós à exaustão naquilo. Porque ele queria um corpo de baile assim: “port de bras” de uma é “port de bras” de vinte. Ele imprimia a coreografia em nossas cabeças adolescentes até virar quase um dogma de fé. Aí ficava muito mais agradável de dançar. Porque já estava dentro da cabeça de cada uma de nós. Era possível não só executar um movimento, mas interpretar um movimento por que não se estava mais preocupada com a execução. Até chegar lá ele repetia, repetia, repetia, repetia. A outra utilidade da dita varinha e era o dia da aula de limpeza de posições. Era o dia que a gente oferecia a alma a Deus! Ele queria todo mundo com as posições limpas. Não tem segunda posição com os pés mal colocados ou com o joelho caindo. O joelho vai estar para fora e a ponta do pé vai estar exatamente embaixo dele. Naquele dia a vareta entrava em cena não para bater em ninguém, não como algumas alucinadas disseram! Uma vez na barra era o momento de corrigir pés, por exemplo. Ele corria a vara no teu pé e empurrava. E ele ia uma por uma. Aquela vareta servia também para marcar o compasso até que o compasso estivesse dentro do cérebro, para limpar as posições, para corrigir. Volta e meia no ensaio da dança alguém tinha que entrar com um buquê e não tinha o buquê então faz de conta que a varinha era um buquê. Ele era um professor muito sério, mas era brincalhão. As pequenininhas ele tratava como filhos. Quando estava perto de fim de ano era possível flagrar o Rolla sentado numa cadeira e crianças, crianças, crianças mais outra criança e quinhentas mães em volta. Ao mesmo tempo, às vezes, em época de espetáculo tudo ficava um pouco mais complicado, pois era o nome da escola e era muita gente. Ele era um líder que tinha que conduzir, tinha que ter certo pulso.

M.C. – Gostaria que tu me falasses dos locais onde a escola funcionou?

T.A. – Começou na sociedade Sírio-libanesa onde era o cinema Cacique. Esta casa de espetáculos ficava na Rua da Praia, hoje Rua dos Andradas, ao descer a Caldas Júnior, olhando-se para a direita está à Caixa Econômica Federal. Ali nessa esquina tem o Arquivo Público. O próximo edifício do lado do Arquivo é um prédio enorme onde, atualmente, tem um estacionamento e onde, durante muitos anos foi o cine Cacique. Este cinema era o “must” da época. As paredes eram todas desenhadas pelo Glauco Rodrigues. Acho que não tinha como tirar, pois acho que eram feitos na parede. Se um dia resolverem pôr o edifício abaixo perderão os desenhos do Glauco Rodrigues... Será

que alguém vai colocar abaixo desenhos do Glauco Rodrigues?... Então, ali naquele local, no último andar estava a sociedade Sírio-Libanesa, no estilo daqueles prédios que estão caindo aos pedaços hoje lá na Av. Júlio de Castilhos. Dali ele mudou-se para outro edifício na esquina da Rua General Câmara com o Largo dos Medeiros num prédio com um relógio bem lá em cima, que está lá até hoje, onde ficava a Sociedade Nordestina. O terceiro local foi na Av. Marechal Floriano, número 49, o quarto local foi na Av. Alberto Bins até esta época eu ainda dançava e daí a Escola foi para o Araújo Viana.

M.C. – Como acontecia o convite para ser aluna mestra?

T.A. – Após a formatura, depois de nove anos de curso, isto era automático, compulsório. No ano seguinte a formanda era aluna mestra como se fosse um estágio. Eu não lembro se era obrigatório, mas todas nós passávamos por esta categoria. Nós fazíamos porque queríamos, era uma distinção, quanto mais não fosse, para nós mesmas. Eu adorava pegar aquelas criancinhas pequenas e ficar no ponta-ponta cai. Tive o prazer de fazer isto também com minhas duas netas. Quem criava as coreografias era ele. Não eram as alunas mestras pelo menos no meu tempo. Ele era quem criava. Em outros tempos já existiam aquelas que criavam coreografias para as pequenas, Ele estava mais velho e ficava só com o pessoal mais veterano... Eu lembro que fiquei um ano como aluna mestra.

M.C. – E depois que concluiu o período como aluna mestra?

T.A. – Fiquei fazendo aula até entrar na faculdade em 1964 ... Então chegou o momento de decisão: dança ou biologia?... Eu queria ir à aula de dança, mas na faculdade as aulas eram nos três turnos. Praticamente se morava na PUC. Não tinha hora no dia em que eu pudesse ir à aula de dança. Então fiquei dois anos sem ir. Quando eu voltei no terceiro ano após enfrentar um expediente de oito horas diárias ao microscópio, mexendo só as mãos, a minha musculatura tinha perdido todo o condicionamento. No quarto ano me casei e fui fazer o que todas as mulheres brasileiras da minha época, muito provavelmente até hoje, fazem, ou seja, ajudar o marido a ganhar a vida. Porque o tempo que um homem sozinho patrocinava uma família acabou. Então, durante cinco anos eu trabalhei de manhã, de tarde, de noite. Eu e ele saímos de casa seis e meia da manhã e voltávamos pra casa onze horas da noite todos os dias. Eu dava aula das quinze

para as oito da manhã em escolas secundárias e até onze e meia da noite na Unisinos. Após cinco anos parei de trabalhar de manhã e fiquei trabalhando só à tarde porque perdi o meu primeiro bebê. Logo em seguida, nasceram meus dois filhos. Depois de 1974... olha só que parada em que o corpo foi exigido ao máximo (dois filhos, trabalho sentada em 8 horas diárias, uma década sem dançar), meu corpo não aguentou mais. Foi quando descobri a natação e graças à Deus logo depois o Pilates. Um todos os dias e outro três vezes por semana. Estou com setenta anos, mas tudo no meu corpo funciona. Mas a dança, para mim, parou. Agora sou uma feliz espectadora das mais variadas performances, trazidas dos mais diferentes e importantes espetáculos do mundo através da magia e da facilidade da moderna tecnologia, os DVDs! Se eu tivesse um tempo para fazer a dança pelo prazer de fazer a dança para manter o corpo apesar da idade eu teria ido, mas não tinha como.

M.C. – Sobre a formação profissional do professor Rolla o que tu tens para me dizer.

T.A. – Primeiro ele foi um atleta de corrida e obstáculos (acho que já era um grand jetée). Aquilo manteve o físico dele. Quando foi que ele saiu do esporte para dançar aí eu te confesso que não sei. Porque quando ele entrou na minha vida, e não eu na dele, ele já era bailarino da Tony. Inclusive quando teve a exposição aqui na ESEF, tinha um retrato em que está o Rolla com a Tony e ninguém sabia quem era o cupido lá no fundo: o cupido era a Beatriz Consuelo. Ele era partner da Tony. Ela era mais velha do que ele e ele ficou não sei quanto tempo lá. Até que resolveu abrir a escola dele. Ele era uma pessoa culta e lia muito. E sabia transmitir a história da dança. Eu fui ouvir falar em Serguei Diaghilev¹, ouvir falar Vaslav Nijinsky², eu fui ouvir falar em Isadora Duncan³, Ana Pavlova⁴ pelo Rolla. Hoje em dia ao comprar um DVD da história da dança, tem esse pessoal todo... naquela época não existia isso. A história do balé russo, os primeiros bailarinos do começo do século que até fome passavam e não paravam de dançar. Enfim...

M.C. – O que significava na época dançar na escola de João Luiz Rolla?

¹ Conhecido como Serge, foi o grande organizador e diretor dos Balés Russos.

² Bailarino e coreógrafo russo.

³ Bailarina precursora da dança moderna.

⁴ Bailarina russa.

T.A. – Bem, eu não gostava nem de ouvir falar na Tony com aquele mau começo. Porque a memória da Tony na minha cabeça infantil era horrível. Mais grandinha eu já me sentia muito importante por estar na escola do Rolla. Eu já era capaz de ver algumas diferenças principalmente detalhes como gente fora do compasso e mal ensaiada ou aquelas que estão no palco cuidando com o canto do olho o que é que o outro vai fazer. Conosco isto não acontecia nunca exatamente por repetir à exaustão uma determinada coreografia até entrar na alma. Quando eu já era uma adolescente de uns 15 anos, lá por 1960, quando terminava o ensaio das pequenas, ele mandava todo mundo embora e ficava dentro do teatro só conosco até a madrugada. Ele sentava e assistia da plateia. Depois mandava dançar de novo o mesmo pedaço e sentava na frisa. Depois mandava dançar de novo o mesmo pedaço enquanto sentava na primeira e na segunda plateia. Outra vez o mesmo pedaço e assistido do camarote do governador no Teatro São Pedro. Ele via a mesma coisa sobre diferentes ângulos infinitas vezes. Eu me lembro, como se fosse hoje, dele sentado na plateia na primeira fila e dizendo: “quem é a retardada mental com o pé esquerdo?” Era pra estar com pé direito e ele estava ali controlando para ver se tinha um pé que não era. E nós sabíamos que era assim mesmo. Daí todos procuravam quem estava com pé esquerdo e esta imediatamente tratava de colocar o pé direito. Não queria ser chamada de retardada mental? Coloca o pé certo![risos] e presta atenção no que está fazendo! Simples, simples, muito simples. Ele me dizia: “Tania Heloisa (tinha muitas Tánias na aula por isto ele me chamava pelos dois nomes) o que é que tu tens hoje? Vieste de corpo, mas a cabeça ficou em casa?” Mil vezes me dizia isso! Aquilo era tão natural nele e nós ouvíamos tanto que nunca nos ofendíamos com isso.

M.C. – Na época em que estudaste na escola o professor Rolla ainda participava dos espetáculos?

T.A. - Ele dançou Allegro Bárbaro, dançou Burlesco. Ele era assim a alma estava dançando e o corpo era um detalhe. A alma é que estava dançando! Ele era toda expressão. Allegro Bárbaro que era uma música da Bella Bartok, era pra ser selvagem. Dançando em círculo em volta de uma fogueira, ele era um selvagem! Quando era o mestre de cerimônias do Burlesco tinha que ser o dono da casa. A alma estava dançando

ele dançava com a alma. Não me recordo bem, mas acho que o ano do Burlesco foi o último que ele coreografou e dançou.

M.C. – Gostaria que me falasses de um espetáculo que tenha marcado para ti.

T.A. - Essa é uma pergunta difícil porque ficam detalhes de cada um. Por exemplo, no espetáculo do Burlesco, que eu era criança, o fato de eu entrar no escuro e abrir a cortina era o máximo do mistério! Nós entrávamos, colocávamos a cara para fora da cortina e fazíamos um sinal para plateia fazer silêncio, ssshhhhhhh! Toda vez que vejo o Cirque du Soleil eu me enxergo naquele momento colocando a cara para fora da cortina e fazendo a expressão para plateia. Aquele chapéu... A plateia ainda não tinha sentado bem e se perguntava: o que é que o Rolla inventou este ano? Eu entrava de um lado e uma colega entrava do outro. Aí alguém que estava dentro nos puxava pela cintura e nós sumíamos. Depois, quando eu entrava de novo fazia a mesma coisa mas, desta vez, atrás de mim já tinha alguém para repetir o que eu estava fazendo. Um terceiro puxava nós duas. Até que ficavam três de um lado e três do outro. Chegávamos na beirada da cortina e puxávamos a cortina por fora e aí à medida que a cortina ia abrindo a luz ia ficando mais intensa e aí finalmente se davam conta de que eram dançarinas. Neste momento, nós estávamos incluídas na cena. Eu achava o máximo como criança. Outro que eu achei fantástico foi a Fantasia Improvisado de Chopin. Ele fez uma coreografia que mostrava a guerra, a morte, o luto, a paz. Todas com a mesma roupa, mas com lenços de musseline vermelho que era o sangue, o preto era o luto, o roxo era a tristeza e por último a paz que era todo mundo com lenço branco. Para mim marcou demais por dois motivos primeiro porque meu pai era militar e meu pai que não sabia nada de dança dizia: “Rolla porque que tu mataste tanta gente?” [risos]. Segundo porque os ensaios iam até uma hora da madrugada e ninguém ia deixar a gente sair lá de cima da Praça da Matriz sozinhas. Então os pais se organizavam. Para nos buscar, em dias alternados. Meu pai não tinha carro, era tudo de ônibus. Ele foi me buscar e encontrou o Rolla no corredor que disse: “e daí major o que está achando?” Ao que meu pai, que não entendia nada de dança, respondeu: “olha a Rolla, eu sou soldado, e não entendo nada de dança, mas vou te dizer uma coisa a ordem unida das gurias está muito boa!” [risos] O Rolla ficou no auge da felicidade! Porque era exatamente isso que ele queria ouvir! Um pelotão igual, militarmente igual, dançando balé clássico! Porque meu pai não viu nada

entrando errado. Um grupo aqui, um grupo ali, era tudo grupo! A terceira coisa que me marcou foi quando o Rolla morreu. Ele foi enterrado no cemitério da Santa Casa. Alguém, que eu não lembro quem foi, levou um daqueles rádios grandes que era um must da época. Tocava fita k7 e tinha até um bom som. Chegou a hora de colocar o caixão do Rolla em cima do carro para levar para a sepultura. O velório era lá embaixo e tinha que subir dois lances de rampa, passar ainda no pátio, andar um pedaço, chegar na sepultura, baixar na sepultura. Quando nós começamos a sair lá de baixo a dona do rádio apertou o botão e começou a tocar a Fantasia Improviso. Numa ação conjunta, sem que ninguém mandasse, nós todas em grupo tiramos o coveiro da cena e começamos a empurrar o carro com o Rolla no caixão, colocamos o rádio aos pés do Rolla e fomos subindo a rampa. Todas nós empurramos rampa acima até chegar no ponto onde estavam os coveiros que colocaram aquelas cordas para baixar o esquife. Quando soou a primeira nota da Fantasia Improvisou nós começamos a empurrar o carro, e a última nota foi quando o caixão baixou a sepultura. Não podia ter sido mais perfeito, nem se nós tivéssemos ensaiado não teria saído tão exato. Bem como ele queria o primeiro dó no começo e último no fim do sepultamento. E acabou! O coveiro soltou o caixão que bateu lá em baixo, aquele barulho horroroso que a gente nunca mais esquece e acabou-se. O Rolla despediu-se ao som de Chopin. Eu nunca vou esquecer!

M.C. – Tu ainda tens figurinos?

T.A. – O único que eu tinha emprestei para uma criatura que foi gravar uma propaganda para a coca-cola e nunca mais me devolveu. Tenho, ainda, aquele chapéu de polichinelo do espetáculo do Burlesco.

M.C. – Tu sabes me dizer alguns alunos que fizeram carreira na dança?

T.A. – A Erenita Parmeggiani teve escola em Canoas! Ela já faleceu; A Manon Freire também teve ou tem, não sei, uma escola em São Paulo; a Maria Cristina Futuro tem até hoje escola aos moldes do Rolla; a Elizabeth Gutierrez também começou no Rolla; A Zelira Eichenberg foi para a Educação Física e coreografou para muitas alunas. A Sandra Gonçalves é treinadora da ginástica rítmica desportiva do Grêmio Náutico União. A Sandra Rosado graduou-se em Educação Física e trabalha até hoje nesta área.

M.C. – Depois que tu saíste da escola ainda teve contato com o professor Rolla?

T.A. – Não, eu não tinha contato com ele. Ele era um artista que jamais pensou na velhice. Ele pensava na arte, na dança. Não fez previdência, não guardou para a velhice, nada. Ele nunca pensou nele mesmo. Então, algumas de nós começaram a se reaproximar, outras nunca se afastaram porque estavam junto dele o tempo todo. Era mais para um apoio humano. Eu voltei quando a Sandra Andreatta me telefonou dizendo que “o nosso velho querido” estava em má situação, muito só e enxergando quase nada. Nos organizamos para dar uma assistência para ele, nos dividíamos em acompanhá-lo. Muitas que tinham saído da escola dele, eram profissionais e tinham seus dias tomados. Nós também tínhamos, mas sempre dava para achar uma maneira de ir lá dar uma beijoca no nosso velho mestre. O profissionalismo da dança na época tinha mudado muito. Na época em que Rolla começou a escola, um homem dançando balé era o fim, do fim, do fim, do fim. Numa Porto Alegre que tinha 350 mil pessoas (agora tem um milhão e quatrocentos mil) era uma coisa mal vista. E ele tinha um preconceito para enfrentar fantástico. O homossexualismo era uma coisa falada para qualquer homem que vestisse sapatilha em qualquer lugar do planeta! Nos centros maiores mesmo que falassem não importava. Por exemplo, no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais isto não contava. Não é à toa que excelentes grupos de dança eram de lá. Em Nova York, Londres, Buenos Aires se havia homossexualismo ou não havia isso não era levado em conta. O que era levado em conta, era o que tinha que ser levado em conta. O bailarino é bom e dança ou não dança? O resto é detalhe ínfimo que não interessa. É uma opção particular da pessoa. Ele tá dançando bem? Está! Então palmas pra ele! O resto é detalhe! Mas ele tinha que enfrentar um preconceito muito grande. Nunca na minha vida fiquei sabendo de qualquer coisa desabonatória no comportamento do Rolla a respeito disto. E eu cresci lá dentro. Ele foi um paizão. Eu fiquei mocinha, saí de lá para a universidade e quando voltei já era mãe de dois filhos depois de 1974, mas ele continuou sendo a mesma pessoa corretíssima. Opções privadas dele não tenho a menor ideia. Mas tenho consciência que com os preconceitos que existiam na época e os preconceitos que ainda existem hoje em dia, que ele deve ter enfrentado uma barra muito pesada. Ele era um profissional. Ele se propunha a dançar e ensinar dança e efetivamente ele dançava e ensinava dança. E ele se dedicou muito a isso e não fez nada para si. Aquele olho clínico que via aquele pé esquerdo fora do lugar sumiu. Então o

Rolla velho caminhava geralmente com a Sandra Andreatta de um lado e eu do outro e olhava para o chão para tentar enxergar onde estava indo, pois tinha medo de meter um pé num buraco. Então ele dizia pra mim: “Tania Heloisa eu tenho um medo danado de ficar maluco.” E eu dizia “não se preocupe se o senhor ficar maluco! O problema é de quem estiver à sua volta que tem que cuidar de um camarada maluco. Porque o maluco não sabe de nada que faz, do que está se passando. Então dane-se todo o planeta! Se o senhor ficar maluco o único que não tem que se preocupar com nada é o senhor!” Ele ria, ele se divertia. Mas foi um final muito triste, por que ele foi se terminando, terminando... Hoje em dia quando assisto o American Ballet na TV da minha casa, fico pensando: “Ah! Se isso existisse no tempo dele pelo menos ele poderia sentar para ver dança.” Mas não tinha nada disso. Tanto que os registros que tem dos últimos balés dele ainda em videoteipe, são precários porque foram os primeiros que apareceram. Aquele 2001 uma epopeia da dança, que eu nunca vi, deve ter sido uma coisa maravilhosa, e eu só vi as fotografias. Porque naquela época já se filmava casamentos, mas era em super oito. Só para ter uma ideia quando nós dançamos o Grand Canyon do Richard Rogers, o som vinha de um disco colocado numa eletrola acoplada a alto-falantes voltados para a plateia ter o som da orquestra. A luz colorida era feita por um funcionário do Teatro São Pedro chamado Adão⁵, que era uma santa criatura! A luz era feita com pedacinhos de papel celofane colocados na frente do holofote. Então, se era pra ser uma noite de luar era um papel azul, se o dia estava clareando era um papel laranja, um momento fúnebre era um papel escurecido para ficar cinzento e o Adão ficava colocando e tirando folhinhas de papel celofane. Não existia outro tipo de coisa.

M.O. - Qual é o retorno do público sobre os espetáculos?

T.A. – Maravilha, maravilha. O público recebia muito bem.

M.C. – Gostaria de saber com a saída do professor Rolla da escola da Dona Tony como ficou a relação entre eles.

T.A. – No começo eu era muito criança. Só o que eu sabia é que a aula de dança era noutro lugar onde estava o rapazinho que me pegou pela mão e me tirou o medo do

⁵ Nome sujeito à confirmação.

palco. Portanto, era bom. Existia na cidade muita competição. Era uma cidade de 350 mil pessoas. Havia um conhecimento geral de tudo. Quase todo mundo sabia de todo mundo. Muitas vezes no meu colégio, quando havia a Festa da Primavera, me convocavam para dançar. E eu dançava numa cancha de vôlei no meio do pátio. Me lembro que quando a música tocava ficava bem silencioso e todos prestavam atenção. E quando me perguntavam de onde eu era, dizia: “da Escola João Luiz Rolla!” Muito orgulhosa, pois era a minha casa. Depois eu cresci e ir para a escola era tão natural que nunca me preocupei com nenhuma outra. Assim, não posso te dizer nada a respeito.

M.C. – Bem estamos nos encaminhando para o término da entrevista e este é o momento para fazer o teu registro final.

T.A. - Essa é uma entrevista marcada por momentos muito complicados em se tratando da minha pessoa. Sou uma máquina falante, pois ganho a vida falando! A pessoa não precisa me pagar pra falar! Eu falo de qualquer forma! [risos] Assim, costumo dizer que tive pais perfeitos. Eles nunca fizeram absolutamente nada de errado porque tudo que eu me lembro da minha infância da minha adolescência e da minha juventude foi absolutamente certo. Estavam certos em absolutamente tudo, tudo, tudo. Uma das coisas fantasticamente certas que fizeram foi me colocar na escola do Rolla onde eu achei o terceiro pai como eu já te disse no começo. Então, foi um lugar, assim como no meu colégio, de lembranças positivas sempre. Nunca teve por mais que eu me sente num dia de azedume e procure achar um defeito, não existe. Sempre foi sensacional. Ele foi sensacional. O tempo gasto lá foi sensacional. O dinheiro que meu pai gastou lá foi muito bem gasto. Por que eu costumo dizer que além dele ter cultivado naqueles anos todos o gosto pela dança e mesmo sabendo que eu não seria jamais uma bailarina porque não tinha qualidades pra isso, ajudou a me criar. Procurei ser uma profissional, uma mãe e uma esposa que tentou sempre se pautar pelos inestimáveis quesitos que ele nos ensinou, quesitos que hoje, lamentavelmente, têm uma tendência a desaparecer ou a serem considerados de ínfima importância, não é? Hoje em dia, meu marido que é arquiteto já sabe quando alguém está atrasado na dança e diz pra mim: “aquele pessoal não ensaiou direito.” Então, foi tudo muito bom, foi uma época de ouro, fantástica de ter vivido! E também como eu já te disse no começo ele me ensinou coisas que o dinheiro não compra e que foram usadas nos mais variados momentos da minha existência.

Quando eu estava fazendo algo que não tinha nada que ver com dança e quando muitas vezes ensinei coisas para os meus filhos que foi o Rolla que me ensinou e agora minha filha está ensinando para minha neta, pensei: “o Rolla está lá no outro mundo e a minha neta está aprendendo coisas que foi ele que ensinou porque são coisas fundamentais para a vida.” Não interessa a profissão que a pessoa está abraçando! Ele foi uma pessoa marcante, alguém com que valeu a pena viver para estar junto. Eu costumo dizer que eu não tenho medo de morrer, eu tenho pena de morrer. Porque aqui está muito bom, a vida foi muito boa pretendo ver mais coisas muito boas. Talvez me encontre com ele e daí possamos conversar como nos velhos tempos. Então, se tiver um lugar pra tomarmos uma cervejinha e comer um croquete, acho que o convidaria para um barzinho de esquina. Ele acharia o máximo. Ele e o meu pai. Meu pai também gostava. Minha mãe preferiria um chá com torta [risos] Então valeu, foi maravilhoso. Eu queria ser uma pessoa erudita para associar ao nome do Rolla somente qualificativos muito especiais mas, direi somente os que eu tenho sempre na mente... foi maravilhoso, maravilhoso, foi maravilhoso, tão maravilhoso que hoje em dia nós continuamos juntas, emocionadas e nos abraçando quando lembramos desta época e desta pessoa super maravilhosa que foi o João Luiz Rolla!

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]